

SOLENIIDADE DA RAINHA SANTA ISABEL
Igreja da Rainha Santa Isabel, 4 de Julho de 2023, 16h30

Homilia na Missa da Real Ordem de Santa Isabel

Caríssimos irmãos e irmãs,

Reunimo-nos nesta tarde para celebrar os louvores de Deus que se espelham de forma singular em Santa Isabel de Portugal, a nossa Rainha Santa. Nesta Missa da tarde, sobressai, com especial relevo, a presença da Real Ordem de Santa Isabel, instituída em 1801, pelo príncipe regente D. João, em nome da Rainha D. Maria I e que se constitui como uma Ordem Dinástica honorífica, privativa da Casa Real Portuguesa, com a natureza de associação privada de fiéis da Igreja Católica e que tem por finalidade manter viva a devoção à Rainha Santa Isabel.

Gostaria, por isso, de saudar, antes de mais,

Suas Altezas Reais os Duques de Bragança, na sua qualidade de Chefes da Casa Real, e de forma muito especial,

Sua Alteza Real, a Senhora Dona Isabel, Duquesa de Bragança e por inerência, Grã-Mestre da Real Ordem de Santa Isabel;

todas das excelentíssimas Damas da Real Ordem de Santa Isabel;

o Sr. Dr. Joaquim Costa e Nora, bom amigo, Presidente da Mesa Administrativa da Confraria da Rainha Santa Isabel, e nele os Confrades e Confreiras, Irmãos e Irmãs;

e todos os fiéis devotos que encontram junto da Rainha Santa Isabel um auxílio nos momentos de dificuldade, uma intercessora nos desafios da vida e um exemplo luminoso que continua a inspirar e a provocar as nossas atitudes e gestos.

A honrosa presença dos legítimos representantes da Família Real de Portugal, nesta solenidade da Rainha Santa, oferece-nos o ensejo de meditar sobre o grande amor de Santa Isabel de Portugal, aliás, o grande amor das nossas vidas e, certamente, motivo cimeiro que tantos fiéis devotos atrai a este lugar sagrado para confidências, de coração a coração: a Família. Sim, a Família!

Se há capítulo que preenche a biografia de Santa Isabel, com altos e baixos, lágrimas e contentamento, dias de tempestade e dias de sol, a Família foi o primeiro amor que cativou, desde cedo, o coração de Isabel.

O seu nascimento, a 11 de Fevereiro de 1270, foi portador de reconciliação e unidade no seio familiar da Casa de Aragão; foi sinal de reconciliação e concórdia entre o seu avô Jaime I e seu pai, herdeiro do trono aragonês, futuro D. Pedro III, numa altura em que a ameaça de guerra civil era bem presente.

Chegada a Coimbra, em Outubro de 1282, é nesta cidade que o seu amor pela Família se consolida como uma rocha, após o casamento em Trancoso com o Rei D. Dinis. Nesta cidade, “a menina casada se fez mulher, mãe, dos filhos Constança e Afonso, futuro Afonso IV de Portugal” (Maria José Azevedo Santos). Aqui acolhe e educa na Corte – como se fossem seus – vários dos outros filhos de D. Dinis, fruto de relações extraconjugais; talvez tantos que levaram Vitorino Nemésio a recorrer à ironia, na descrição dos seus nomes: “quase se esgotavam os nomes que se dão na pia” baptismal.

A Isabel era mais penoso pensar nas ofensas a Deus que Dinis cometia com os seus pecados, do que na cruz da infidelidade e da rispidez do marido, que suportava com amor. Com o coração cheio de esperança, oferecia sacrifícios pela conversão do marido. Rezava por ele. Tratava-o sempre com bondade.

Mas o peso da cruz da vida familiar ainda pesaria mais...

O seu filho Afonso herdara do pai com a nobreza, o carácter altivo. Por duas ocasiões levantou a espada contra o pai, o Rei D. Dinis. Tudo fez Isabel para

promover a reconciliação e a concórdia no seio familiar: peregrinou a Santarém onde venerou o Milagre Eucarístico que ali se manifestou em 1247, e em súplicas e procissões públicas suplicou, vestida de penitente, pediu a paz entre os dois. Chegou a apresentar-se em pleno campo de batalha e de joelhos, entre os dois exércitos, clamou por reconciliação entre pai e filho.

Esta audácia evangélica, que brota do amor entranhado pela Família, é-nos testemunhada pelos seus escrito.

A seu esposo, o Rei D. Dinis, haveria de escrever: “como uma loba enfurecida a quem querem matar o seu filhote, lutarei por não deixar que as armas do rei se lancem contra o nosso próprio filho. Mas ao mesmo tempo, farei que primeiro se destruam as armas dos exércitos do meu filho, antes que eles disparem contra os seguidores de seu pai”.

Por sua vez, haveria de escrever a D. Afonso: “pela Virgem Santa Maria, peço-te que faças as pazes com o teu pai. Olha que os guerreiros destroem culturas e destroçam tudo. Não é com as armas, filho, não é com as armas que resolveremos os problemas, mas dialogando, buscando ajuda para tratar dos conflitos. Eu farei que as tropas do rei se afastem e que as reclamações do filho sejam atendidas, mas por favor, meu filho, recorda-te dos teus deveres de filho para com teu pai”.

A sua derradeira jornada nesta terra é fruto do seu grande amor pela família: informada de que o seu filho, já D. Afonso IV, iria abrir guerra ao seu neto D. Afonso XI de Castela, em Junho de 1336, apesar dos seus 66 anos de idade, empreende uma viagem até Estremoz, a fim de alcançar a paz entre os dois. Chegou já doente... e desfalecendo, pouco a pouco, na companhia de seu filho e da nora Dona Beatriz, expirou a 4 de Julho. Morreu Isabel, mártir de amor pela Família!

Caríssimos irmãos,

Lev Tolstoi inicia o seu romance *Anna Karenina* com a célebre frase: “as famílias felizes são todas iguais [sem interesse]; as famílias infelizes é que são cada uma à sua maneira [por isso, interessantes]”. Tal expressão, depois de escutado o testemunho de amor familiar de Isabel, deixa com toda a crueza à nossa contemplação aquele elogio da fragilidade e aquelas tonalidades de vulnerabilidade, com que se pinta do ícone das nossas famílias.

Sim, como diz Tolentino Mendonça, “a família é sempre um lugar de imperfeição, é sempre um lugar da crise, é sempre um lugar de uma grande pobreza. Se calhar nenhum de nós é tão pobre como no interior da sua própria família. Onde estamos completamente expostos, completamente vulneráveis, completamente dependentes uns dos outros. [...] Esta pobreza é a força da própria família, é a força da família.”

A Igreja nunca se cansou de repropôr, em cada tempo, o Evangelho da Família. “A alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja” e por isso, “apesar dos numerosos sinais de crise [...] «o desejo de família permanece vivo, [...] e isto incentiva a Igreja». Como resposta a este anseio, «o anúncio cristão sobre a família é verdadeiramente uma boa notícia””, ensina-nos o Papa Francisco no seu documento sobre a Família (AL 1). De verdade, diz-nos o Santo Padre, “o bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja” (AL 31).

Com os olhos postos no testemunho luminoso de amor familiar que Isabel nos propõe, e nos ensinamentos do Papa Francisco sobre a Família, urge repropor com humildade e coragem, diante dos fortes ventos que sopram em direcção contrária e das marés altas das ideologias dominantes, o Evangelho da Família.

Pensemos no que o Papa Francisco nos adverte a propósito da “cultura do provisório” referindo-se “à rapidez com que as pessoas passam duma relação

afectiva para outra. Crêem que o amor, como acontece nas redes sociais, se possa conectar ou desconectar, ao gosto do consumidor e inclusive bloquear rapidamente. [...] Transpõe-se para as relações afectivas o que acontece com os objectos e o meio ambiente: tudo é descartável, cada um usa e joga fora, gasta e rompe, aproveita e espreme enquanto serve; depois... adeus.” – palavras muito directas de Francisco.

Esta “cultura do descartável” ameaça à Família, “célula fundamental da sociedade humana” (como lhe chamou o grande São João Paulo II). Senão vejamos:

- o matrimónio tornou-se descartável pela *mentalidade divorcista* que assumidamente está instalada na sociedade portuguesa. Como dizia o poeta, “o amor é eterno enquanto durar” (Vinicius de Moraes). Alguém já denunciou o que apelidou de “banalização do divórcio” na sociedade portuguesa, que faz com que se adiem os vínculos matrimoniais, preferindo-se a coabitação descomprometida ou se rompam os mesmos vínculos, porque no jogo do “que importa é ser feliz” o casamento é mais um obstáculo que uma ajuda...

- nesta cultura do descartável, os filhos também se tornaram uma realidade descartável, quer seja pela tremenda *liberalização do aborto* que ceifa em Portugal mais de 15 mil vidas humanas por ano, ou seja, uma criança é privada do direito de nascer em Portugal a cada hora que passa; bem como, ainda que num patamar diferente, pela “mentalidade antinatalista promovida pelas políticas mundiais de saúde reprodutiva” (AL 42).

- a natureza biológica também não escapa a este vórtice da cultura do descartável, nas propostas da chamada “ideologia de género” que estão já aí, perfeitamente acomodadas nos planos curriculares e educativos nas escolas;

- os vínculos familiares surgem ainda mais enfraquecidos, por esta “cultura do descartável” que reduz o corpo humano a uma mercadoria, e por isso, indica o Papa Francisco, “preocupa a «difusão da pornografia e da comercialização do corpo, favorecida, entre outras coisas, por um uso distorcido

da internet»; gerador, neste contexto, que muitos casais tendam a ficar nos estádios primários da vida emocional e sexual” (AL 41).

- a cultura do descartável, favorece também e de sobremaneira, que se considere os mais idosos e frágeis também descartáveis, através da regulamentação da *lei da eutanásia*, que foi recentemente aprovada e que, no dizer do Papa Francisco, é “uma grave ameaça para as famílias, em todo o mundo” (AL 49).

- por fim, a cultura do descartável ameaça as famílias pela precaridade das condições de trabalho, pela instabilidade laboral e pelos poucos benefícios fiscais que favoreçam uma cultura da família, as famílias geradoras de vida. Quando a pessoa humana é descartável toda a família é severamente enfraquecida...

Caríssimos irmãos,

São hoje de vária ordem as feridas que afetam a Família. Sequer fomos exaustivos nos exemplos que apresentámos. Tais feridas convocam-nos a todos a sermos “reparadores de brechas e restauradores de veredas” (Is 58, 12), curadores e cuidadores destas e de tantas outras feridas. Esta é de forma especial, a Missão das Damas da Real Ordem de Santa Isabel, conforme consta nos próprios objectivos e finalidades, que passo a citar: “cumpre à Ordem responder às necessidades morais e materiais da sua época, em particular a defesa dos valores da vida, da pessoa e da família, através do apoio à maternidade, à infância em risco, à terceira idade e à administração de cuidados paliativos.”

Na paleta de cores que pinta o belo ícone do amor familiar, está também e sempre a cor da crise. Como diz o Papa, “a história duma família está marcada por crises de todo o género, que são parte também da sua dramática beleza” (AL 232). Foi assim com o grande amor de Isabel; é assim connosco nas nossas famílias!

Rezemos, pois, por este belo quadro que Deus está a pintar, as nossas Famílias, com a oração do Papa Francisco:

Jesus, Maria e José,
em Vós contemplamos
o esplendor do verdadeiro amor,
confiantes, a Vós nos consagramos.

Sagrada Família de Nazaré,
tornai também as nossas famílias
lugares de comunhão e cenáculos de oração,
autênticas escolas do Evangelho
e pequenas igrejas domésticas.

Sagrada Família de Nazaré,
que nunca mais haja nas famílias
episódios de violência, de fechamento e divisão;
e quem tiver sido ferido ou escandalizado
seja rapidamente consolado e curado.

Sagrada Família de Nazaré,
fazei que todos nos tornemos conscientes
do carácter sagrado e inviolável da família,
da sua beleza no projecto de Deus.

Jesus, Maria e José,
ouvi-nos e acolhei a nossa súplica. Ámen.

**Rainha Santa Isabel, mártir do amor familiar:
rogai por nós!**

©P. Francisco Prior Claro